

Prefácio

O artista é o criador de coisas belas.

Revelar a arte e ocultar o artista é o objetivo da arte.

O crítico é aquele que consegue traduzir de outro modo ou em novo material a sua impressão das coisas belas.

A mais elevada, como a mais medíocre, forma de crítica é uma expressão autobiográfica.

Os que encontram significados disformes em coisas belas são corruptos sem agradarem, o que é um defeito.

Os que encontram belos significados em coisas belas são os cultos. Para esses há esperança.

São os eleitos para quem as coisas belas apenas significam Beleza.

Não existem livros morais ou imorais. Os livros são mal ou bem escritos. É tudo.

A antipatia do século XIX pelo realismo é a raiva de Caliban ao ver a sua cara ao espelho.

A antipatia do século XIX pelo romantismo é a raiva de Caliban por não ver a sua cara no espelho.

A vida moral do homem é assunto para o artista, mas a moralidade da arte consiste na perfeita utilização de um meio imperfeito. Um artista não quer provar coisa alguma. Até as coisas verdadeiras podem ser provadas.

Um artista não tem simpatias éticas. Uma simpatia ética num artista é um maneirismo de estilo imperdoável.

Um artista nunca é mórbido. O artista pode exprimir tudo.

Para o artista, o pensamento e a linguagem são instrumentos de uma arte.

Para o artista, o vício e a virtude são matéria de uma arte. Do ponto de vista formal, o modelo de todas as artes é a arte do músico. Do ponto de vista sentimental, o trabalho do ator é o modelo.

Toda a arte é simultaneamente superfície e símbolo.

Os que penetram para lá da superfície fazem-no a suas próprias expensas.

Os que leem o símbolo fazem-no a suas próprias expensas.

O que a arte espelha realmente é o espectador e não a vida.

A diversidade de opinião sobre uma obra de arte revela que a obra é nova, complexa e vital.

Quando os críticos divergem, o artista está em consonância consigo próprio.

Podemos perdoar um homem que faça uma coisa útil desde que não a admire. A única desculpa para fazer uma coisa inútil é ser objeto de intensa admiração.

Toda a arte é perfeitamente inútil.

1

O *atelier* estava impregnado de um intenso perfume de rosas e, quando a ligeira brisa estival corria por entre as árvores do jardim, entrava pela porta aberta o cheiro forte dos lilases, ou o mais delicado odor do espinheiro róseo desabrochando.

Do canto do divã coberto de tecidos persas em que se estirava, fumando cigarro atrás de cigarro como era seu costume, Lord Henry Wotton vislumbrava apenas o brilho dos rebentos de um codesso da cor e doçura do mel, cujos ramos trémulos mal pareciam capazes de sustentar o fardo de uma tão fulgurante beleza; e, de vez em quando, as sombras fantásticas dos pássaros fugazes atravessavam as longas cortinas de seda selvagem estendidas frente à enorme janela, produzindo uma momentânea ambiência japonesa e levando-o a pensar nesses pintores de Tóquio de pálidos rostos de jade que, através de uma arte necessariamente imóvel, procuram dar a impressão de velocidade e movimento. O monótono murmúrio das abelhas zunindo entre a relva por aparar, ou circulando com uma fastidiosa insistência em redor dos espinhos empoeirados de ouro da madressilva rebelde, parecia tornar o sossego ainda mais opressivo. O distante bulfício de Londres era como que o bordão de um órgão longínquo.

No centro da sala, assente num cavalete vertical, estava o retrato de corpo inteiro de um jovem extraordinariamente belo e, a uma curta distância, à sua frente, sentava-se o próprio artista, Basil Hallward, cujo súbito desaparecimento alguns anos atrás provocara, na altura, muita celeuma e dera azo às mais estranhas conjeturas.

Contemplando a figura grácil e harmoniosa que a sua arte tão subtilmente representara, um sorriso de prazer perpassou pelo rosto do pintor e parecia que aí se ia demorar. Mas ele sobressaltou-se de

repente e, fechando os olhos, levou os dedos às pálpebras, como se pretendesse aprisionar no seu cérebro um sonho singular de que temia despertar.

— É a tua obra-prima, Basil, a melhor coisa que alguma vez fizeste — comentou Lord Henry, languidamente. — Tens de a enviar à exposição de Grosvenor do ano que vem. A academia é demasiado grande e ordinária. De todas as vezes que lá fui, ou havia tanta gente que nem sequer podia ver os quadros, o que era horrível, ou tantos quadros que nem sequer podia ver as pessoas, o que era pior. Grosvenor é realmente o único sítio.

— Não me parece que vá enviá-la para lado nenhum — respondeu ele, atirando a cabeça para trás, naquele trejeito peculiar que em Oxford tantas vezes provocara o riso dos seus amigos. — Não, não vou enviá-la para lado nenhum.

Lord Henry arqueou as sobrancelhas e fitou-o com espanto através das finas farripas de fumo azul que se evolavam em curiosas espirais do seu cigarro opiado.

— Não a vais enviar para lado nenhum? Mas porquê, meu caro amigo? Perdeste o juízo? Vocês, os pintores, são tipos muito estranhos! Fazem tudo na vida para ganhar reputação e, assim que a conquistam, parecem que querem atirá-la à rua. É uma tolice da tua parte, pois só há no mundo uma coisa pior do que ser-se falado, que é não se ser falado. Um retrato destes havia de te colocar muito acima dos jovens de Inglaterra, e de provocar a inveja dos velhos, se é que os velhos são capazes de qualquer emoção.

— Sei que te vais rir de mim — retorquiu ele —, mas não posso realmente expô-lo. Pus nele demasiado de mim mesmo.

Lord Henry estendeu-se no divã e desatou a rir.

— Pois, já sabia que te ias rir. Mas não deixa de ser verdade.

— Demasiado de ti! Palavra de honra, Basil, não te sabia tão vaidoso. E é que não consigo mesmo ver nenhuma semelhança entre ti, com a tua cara forte e áspera e o teu cabelo preto como carvão, e este jovem Adónis que parece feito de marfim e pétalas de rosa. Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso, e tu... bem, é evidente que tens uma expressão intelectual e tudo isso... mas a beleza, a verdadeira beleza, acaba onde a expressão intelectual começa. O intelecto é já uma forma de exagero e destrói a harmonia de qualquer rosto. Assim que nos sentamos a pensar, ficamos só nariz, ou só testa, ou uma coisa horrível do género. Olha para os homens

bem-sucedidos em qualquer das profissões eruditas. Como são perfeitamente hediondos! A não ser, evidentemente, na Igreja. Mas a verdade é que na Igreja eles não pensam. Um bispo continua a dizer aos oitenta anos o que o mandaram dizer quando era um rapaz de dezoito e, por conseguinte, parece sempre perfeitamente encantador. O teu misterioso jovem amigo, cujo nome nunca me revelaste, mas cujo retrato me fascina realmente, nunca pensa. Disso tenho eu a certeza. É uma bela e desmiolada criatura que devia permanecer connosco durante todo o inverno quando não temos flores para contemplar, e durante todo o verão quando precisamos de alguma coisa que nos arrefeça a inteligência. Não te lisonjeies, Basil, não és nada parecido com ele.

— Tu não me compreendes, Harry — respondeu o artista. — É evidente que não me pareço com ele. Tenho perfeita consciência disso. Na verdade, não gostaria nada de me parecer com ele. Encolhes os ombros? Estou-te a dizer a verdade. Há uma fatalidade em toda a excelência física e intelectual, o tipo de fatalidade que tem perseguido ao longo da História os passos trôpegos dos reis. É melhor não sermos diferentes dos que nos rodeiam. Os feios e estúpidos são os que mais aproveitam do mundo. Podem sentar-se a olhar e bocejar à vontade. Se não têm qualquer noção do que seja a vitória, é-lhes pelo menos poupado o conhecimento da derrota. Vivem como todos nós devíamos viver, imperturbados, indiferentes e sem inquietações. Nunca causam a desgraça dos outros, nem sequer a recebem das mãos de outrem. O teu título e a tua fortuna, Harry; o meu cérebro, tal como é... a minha arte, o que quer que valha, a beleza do Dorian Gray... Havemos todos de sofrer por aquilo que nos concederam os deuses, de sofrer terrivelmente.

— Dorian Gray? É assim que ele se chama? — perguntou Lord Henry, atravessando o *atelier* na direção de Basil Hallward.

— Sim, é esse o nome dele. Não fazia intenção de dizer-te.

— Mas porque não?

— Ora, não te sei explicar. Quando gosto muito das pessoas nunca digo a ninguém como se chamam. É como entregar uma parte delas. Aprendi a apreciar a discrição. Parece-me ser a única coisa que pode tornar a vida moderna misteriosa ou maravilhosa aos nossos olhos. A coisa mais banal pode ser encantadora se a ocultarmos. Hoje em dia, quando deixo a cidade, nunca digo aos meus para onde vou. Se o fizesse, perdia o prazer. É uma mania estúpida, devo confessá-lo, mas